

cenas de fevereiro: superfícies

rafaella lassance lima costa

## agradecimentos

à minha vizinha Cecília e meu avô Reinaldo. por toda a criação, dedicação, carinho e amor da sempre companhia, do sempre proteger e cuidar. toda a minha admiração por cada história que me compartilharam e que compartilhamos. de campos dos Goytacazes, ao litoral de Icaraí; da ladeira em Santa Rosa, à rua Moreira César. os dois grandes contadores de história. daí vem minha mãe, Maysa, a quem vai, também, meu agradecimento especial. por toda a força, rotina, cuidado, companheirismo, amor. estendendo as palavras a meu pai, Carlos.

às minhas amigas queridas, por todas as trocas únicas e caminhos trilhados. Aninha Oli, Letícia, Alexandre, Tais, Giovanna, Marcela, Luciana, Cecília.

à Denise, por me orientar de forma tão sábia e generosa; pelos encontros cuidadosos, pelas palavras e por todo acompanhamento esclarecedor.

sumário

[introdução]

[lista]

[experiência e registro]

[impressões]

[lugares]

[memória]

[escritos e nem-tão-dispersos]

[memento]

[a calcogravura]

[pós-lista]

[notas]

[notas, por fim]

[anexos]

[lista de ruas]

[lista onomástica]

[referências]

[imagens]

introdução

introduzir e criar tópicos

pra cada tópico uma epígrafe, gosto.



para nortear o curso das ideias, algumas palavras que vão servir como a trama pela qual vou perpassar costurando para expor a minha linha de raciocínio.

começo

circunstância

parte

decomposição

continuidade

tempo

curso

passado

permanência

mutabilidade

espaço

região

tarde

lugar

morada

receptáculo

intervalo

profundidade

exterioridade

camada

matéria

espírito

ilha

vento

sensibilidade

tato

passagem

fragrância

densidade

estalo

pensamento

ideia

experiência

evidência

possibilidade

memória

imaginação

latência

manifestação

registro

representação

saudade

alívio

vau

não viverei sequer mil anos, minha vida é rápida, risco no tempo, tal como um peixe salta um dia acima da vastidão do mar e vê o Sol e um arquipélago onde se movem cabras entre as rochas, assim eu salto da eternidade, como todos, eis-me no ar, vejo o mundo dos homens, logo voltarei aos abismos marinhos.

*Osman Lins*

[sobre a minha abordagem na construção de imagens e a articulação na apresentação delas com a escrita que surge no meu processo criativo] [experiência e registro]

faço um registro simbólico das coisas que me cercam; quase que buscando tanger as percepções e memórias que me firmam, meus sentidos como corpo no mundo. meu processo tem a ver com a experiência e a paisagem que me circunda; e, a partir dessa absorção, sinto que o processo toma uma forma de colagem: aí entra a exteriorização. faço uma colagem dos meus registros, das coisas que eu escrevo, da forma como eu resolvo unir uma coisa à outra (vou revisitando os cadernos, as fotos, as anotações, os desenhos). trabalho com camadas. talvez tudo comece com o registro: como forma de eu identificar e fazer um reconhecimento espacial nos meus deslocamentos; de me relacionar com o que está ao meu redor; como forma de fazer uma topografia do espaço/lugar onde estou, por que passei; o que eu consigo captar dos espaços. memória, registro, lembrança, representação. procuro no dicionário analógico estas palavras<sup>1</sup> na intenção de ampliar o campo léxico para pensá-las.

---

<sup>1</sup>definições trazidas pelo *Dicionário analógico da língua portuguesa*: ideias afins/thesaurus Francisco Ferreira dos Santos Azevedo. – 2ª ed. atual. e revista – Rio de Janeiro: Lexicon, 2010. 800p.

registro (551): tombo, tombamento, traço, vestígio, reflexo, sinal, relíquia, restos, cicatriz, pegada, rastro, marca, indício, trilha, memento (lembrança), testemunha, marco, inscrição, memória; v. inscrever, notar, anotar, transcrever.

casualidade (621): (ausência de desígnio na sucessão dos acontecimentos), obra do acaso, impremeditação, aleatoriedade, serendipidade, imprevisto, salto nas trevas, lance de dados; adj. fortuito, casual, eventual, aleatório, ocasional; adv. *en passant*, por erro, a esmo, à toa, às tontas...

representação (554): ilustração, delineação, imagem, símbolo, retrato, efígie, camafeu, iconografia, iconologia, cena, teatro, risco, rabisco, esboço; carta topográfica, mapa, planta; v. representar, delinear, traçar, esboçar, ser a imagem de = traduzir, materializar, modelar, moldar; ilustrar, simbolizar, aparecer sob a forma de; adv. representável, ilustrativo, imitativo, figurativo.

memória (505): lembrança, memoração, recordação, evocação, reminiscência, reflexo, reconhecimento, anamnese, retrospecto, recapitulação, lampejo, sugestão, lembrete, memento, caderneta, verbete, registro/ v. lembrar-se, ter diante dos olhos, ter no pensamento, gravar no pensamento/ na memória/ na mente/ na ideia/ na lembrança, ficar sensivelmente impressionado.

como dizer em poucas palavras:

num trabalho constante de registrar o que vai ficando do que foi impresso em mim:

cristalizar as minúcias – as testemunhas da mútua experiência. o que desvelo me toca como toco o que desvelo – tanger a percepção que me firma e repercute. tangibilidade do que se faz visível. por dizer: topografia da memória. registro simbólico do que me cerca. uma dilatação do efêmero – como voltar a lugares suspensos na memória? como tecer os caminhos que mais próximo ficam de personificar uma fragrância? como enquadrar o residual passageiro do presente que me atravessa?

[impressões de mundo dissolvidas]

na rede  
em 1 dia em que  
o céu é azul aberto  
e a silhueta da árvore  
contrasta  
tons de verde  
e laranja  
com a vastidão  
azul  
que se redimensiona  
quando 1 ponto  
preto  
que se move  
na visão  
é um pássaro.



trabalho com a revisitação da memória, fazendo um amálgama de partes que compõem camadas mnemônicas; fragmentadas e postas em conjunto, em composição – cenas que me evidenciam o acesso ao passado, aos momentos. mapa mental dos lugares em que estive.

caminho pelas ruas, subindo e descendo calçadas, pisando estranho quando passo por aquelas ruas que sobem pra Santa, as esquinas se multiplicam, traço rotas variadas, exploro e expando meus mapas: das árvores, das pessoas que reparo esbarrar em rotas específicas, das trabalhadoras com que cruzo no cotidiano, das coisas que, em harmonia constroem esta forma que opera meus dias; sucessão dos dias que acompanha notas mesmas sempre tocadas, que, às vezes, se manifestam como mesmices até que são marcadas por interlúdios que abalam pontualmente a trama dos acontecimentos – como quando algo me tira da inércia.

[lugares]

existe alguns lugares. 1. aquele que fica presente como a primeira impressão, a do não-reconhecimento, a da novidade; 2. aquele lugar que vai sendo reparado e que, conforme as coisas vão se tornando memoráveis, reconhecíveis e identificáveis, vai entrando na área do conforto, do acolhimento por identificação de cada parte que o contém; moradas. 3. aquele que, de tão confortável, tão percorrível, se torna não-reparável, não-mais-observável com a maior das atenções, de tanto se acostumar que quase não se repara mais; 4. há aquele que, também, não vira nossa casa, mas constitui casa temporária, conforto temporário, estímulo temporário; 5. aquele que permanece no meio de todos os trânsitos, das pessoas, dos bichos, das estações, do tempo em si; 6. aquele que quando lá retornamos uma coisa mudou de lugar, coisas que não permaneceram, parede que descascou, janela que quebrou; aquele que expressa a mutabilidade do espaço, que, justamente, pela distância que se tem desse lugar, é que reparo o que muda, o que saiu do lugar, o que permaneceu corroendo, e que agora tem uma infiltração; 8. aquele lugar que é marcado pelo tempo – mutabilidade do espaço (como lugar, como território, – como palimpsesto, “continuamente escrito e redesenhado”<sup>2</sup>) que evidencia o curso do tempo; 9. aquele que marca e nunca apagará o passado histórico, o passado ferrenho que marcou as entranhas de uma sociedade; que, por mais urbanizações que tenham sido feitas e que se façam, o tombamento não é só dos patrimônios materiais, mas de toda uma memória coletiva, de cada memória individual que forma e transforma as percepções dos espaços; das associações das arquiteturas com os acontecimentos históricos específicos, com momentos específicos; das palavras que guardei de alguns pensamentos que tive ao caminhar por ruas específicas.

---

<sup>2</sup>Anne Cauquelin, *A invenção da paisagem*, São Paulo: Martins, 2007, p. 94.

espaço que é marcado, esculpido, reparado pelo/com o tempo.

espaço que existe por ser ressignificado pelo tempo.

lugar que imprime o tempo

seja o que flui

seja o que insiste – frente à obsolescência das coisas

seja o que insiste – frente ao abandono das coisas

espaço-tempo

como a trama da realidade.

repercussões são acontecimentos que alteram a topografia do espaço-tempo,

alteram a percepção.

casualidades,

que, como um abalo sísmico,

repercutem consequências desde seus epicentros.

ecoam e se dissipam como ondas

que ora lavam ora estouram

ora trazem essa ressaca.

maré que não recua

reparo os espaços que me circundam, os lugares que percorro (pensamentos marcados pela memória afetiva e olfativa que aparecem quando a mente se desliga em meio às provocações). matéria circundante que promove a minha retrospectiva sobre o que foi impresso e marcado das ruas por que andei, de mares em que mergulhei e das imagens que repetitivamente aparecem na minha memória. o que fica circunscrito pela memória. a anamnese.

Acima dos terraços sobre os tetos que vejo a partir de minha janela, surgem as estruturas metálicas de Beaubourg. Na ponte superior, as chaminés em círculo parecem prestes a apitar, anunciando a hora de partida. O barco, ainda aportado, logo, logo deixará o cais. Lá do alto, uma multidão de passageiros contempla a cidade uma última vez, ou se apronta para descer, para aportar. O mar, a bruma, o infinito estão presentes; moro em um porto onde dormem os navios de partida. O monumento de vidro, de concreto e de ferro instala em torno de si um ambiente de paisagem; transforma o betume em oceano, o céu em horizonte marinho, os imóveis vizinhos em rochedos.

*Anne Cauquelin*

[memória]

quando penso em como falar sobre a memória, algumas coisas me vêm à mente: minhas memórias são como altares que monto e desmonto; fazem parte de todo um arcabouço de material perceptivo (sentidos, pensamentos, aparências, representação <sup>3</sup>), ou como arquivos, numa sala grande, com corredores cujo fim não vejo, com estantes altas e escadas altas cujo fim também não vejo, quanto mais eu subo mais as prateleiras se multiplicam. e quanto menos conscientemente procuro, de repente acesso: aquilo que achei que pudesse ter esquecido. o esquecimento que só existe porque a memória existe – só esqueci se lembrei que esqueci. no meu processo de registro, anoto, desenho, fotografo, e depois acesso os momentos quase que num frescor do que acontece pela primeira vez. o passado tátil.

meu processo de construção das imagens que tenho produzido em calcogravura parte, principalmente, de fotos e desenhos que faço. registro meu habitar no mundo como que numa necessidade de criar esses altares efêmeros registráveis, que depois se desdobram em camadas, em sobreposições, combinação de experiências. faço como uma topologia do espaço, registrando a minha percepção daquele espaço-tempo – como receptáculo da experiência, num intuito, talvez, de lidar com a continuidade e permanência dos espaços que percorri. o que define espacialmente minha experiência/presença no mundo. “Analisar instante por instante, perceber o núcleo de cada coisa feita de tempo ou de espaço. Possuir cada momento, ligar a consciência a eles, como pequenos filamentos quase imperceptíveis mas fortes.”<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup>Maurice Merleau-Ponty, *O visível e o invisível*, São Paulo: Perspectiva S.A, 1971, *Interrogação e intuição*, p.106.

<sup>4</sup>Clarice Lispector, *Perto do coração selvagem*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. p. 80.

como os haikais japoneses, originalmente, e depois, os brasileiros – adaptados às nossas vivências, num modo operacional de criação onde se capta o máximo de detalhes e pormenores de uma cena/situação transformando-os em versos que exprimem o que se consegue pensar/rememorar com a quantidade certa de palavras, captando um momento de experiência, percepções momentâneas–, procuro, no processo de registro e escolhas de representação, de alguma forma, captar a densidade das coisas importantes pra mim.

numa premonição conturbada  
dum gole quente desse café corpulento, dos pontículos de luz passando pela janela do  
avião que vai a 950km/h  
a previsão atrasada, quanto tempo? muito tempo  
uma apresentação sem jeito  
um contornar justificar falar que incomoda, chiar falhado deste alto-falante aos berros  
quando me vejo nestes entremeios  
entre um sonho e outro  
entre um momento de lucidez e outro  
entre um cochilo e o abrir dos olhos aos poucos que enxergam turvo por essa janela  
pequena que cobre uma vista tão extensa.  
é noite já  
vi a última trilha de cor azul vermelho no horizonte antes de a luz cessar o sol já tinha  
ido era aquele entremeio entre o sol que se foi e o manto noite que cobre o tal último  
pedaço  
um contato ciliar  
sobriedade de toque  
entramos no meio de uma nuvem  
treme  
goles no café  
enjôo que não mais sinto  
incômodo que ainda bate  
infinitesimalmente  
treme



gosto de pensar em vaus: lugares de rios que são rasos o suficiente para que se possa atravessar a pé. em meio à água que corre, lugares de travessia. eis que tenho: a paisagem e suas desfragmentações (paisagem como lugar de experiência e como lugar que é constantemente rabiscado e apagado, marcado e dissolvido – território-palimpsesto, e quanto lugar que fica solidificado, cristalizado fora de mim pela forma como o percebi em dado instante); a memória e sua fixação, lampejos evocativos e anamnese. oscilações da realidade sólida. tempo suspenso.

Minha boca também  
está seca  
deste ar seco do planalto  
bebemos litros d'água  
Brasília está tombada  
*Ana Cristina César*

[escritos e nem-tão-dispersos]

## I.

deveria escolher títulos pras telas. há dias me pego tentando surgir com algumas palavras em sequência. posso revisitar o que andei escrevendo quando fiz as fotos que as originaram. tanto os registros da casa em construção quanto o dos dias em setembro pela Lapa. penso no apartamento, nos pensamentos frescos, ou nem tanto, que me permeavam enquanto subia a rua ladeirada. mais fácil, sempre, pela calçada. atravesso a rua e olho pra cima, rua que segue, atravesso os trilhos do bondinho me equilibrando e calculando os passos pra andar direito nesses paralelepípedos. quase sempre estive chovendo nas últimas vezes. setembro e fevereiro. foram alguns dias de sol. aproveitados. mais uma vez, o ar cinza das cinco e meia, passos marcados nos tacos de madeira do chão antigo, a cabeça pairava por pensar no senhor que mora ali na rua, no lugar que ele escolheu pra ser seu trabalho e casa. é a continuação da rua do apartamento, cruzando a esquina com a Riachuelo, logo depois da banca de jornal, lá está ele, dia e noite, todas as horas do dia, sentado em seu caixote de feira, frente à sua banquinha, com seus produtos aleatórios e utilitários. ele fica sempre de costas pra rua, pro movimento, sempre olhando pras coisas que o acompanham, vez ou outra tira um cochilo sentado. rotina das pessoas que se cruzam. pelo trânsito da rua, pela vizinhança, pelo passear, pelo movimento. andando por aquelas ruas nem sempre tendo um real destino planejado, quantas foram as vezes que saí por pensar que o que estivesse lá fora me traria algum respiro ou ocuparia o que quer que fosse que estivesse me consumindo. e respiro é o que realmente ficava no fim. mas o real olhar e perceber as diferentes realidades de vida, desigualdades, é o que me fazia/fez/faz me colocar no meu lugar (fazia/fez/faz, nesse momento,

ocupar o meu lugar), me reconhecer, me mover, ser grata. foram várias as vezes que saí, tentando pensar em qualquer outra coisa que não fossem as mesmas coisas em que eu já estava cansada de pensar e aquela moça me encontrava. me recorria, puxava um papo... morava na rua. talvez tivéssemos a mesma idade. mesmo lugar, mesma rua que era nossa casa. realidades tão diferentes. como pode, uma jovem, carregar assim o peso deste mundo sádico que vive sob leis e pretextos arquitetados por homens sádicos? como isso é justo? e o tempo todo, quando estou pelo Rio, vejo como a capital é uma cidade blindada pro convívio das realidades. porque até a não-convivência com certas realidades que estão por aí, país afora representando a real massa das estatísticas preocupantes, é um sintoma do mascaramento que se faz de tudo numa bela/baita vista grossa em plena capital isolada e calculadamente sitiada da periferia que faz girar a roda do dia-a-dia.

## II.

foram dois dias: um, privilegiado com aquela luz de fim de tarde de setembro

outro, nublado e úmido num dia de novembro

o carro subia aquelas ruas, até a última, lá no alto à direita. e aí lá estavam, no fim da rua, os tapumes tampando a construção. na primeira vez estava aberta, há dois anos, tinha uma passagem pelo tapume; na segunda, foi fácil puxar os pregos que prendiam e abrir espaço; na terceira vez levei um martelo. na quarta, não teve mais como. por enquanto. todos os materiais lá, estocados, empilhados, vergalhões enferrujando, madeiras úmidas e empenando, estacas e compensados; pilhas de areia, de terra, terra de cimento, terra vermelha; arames e pregos; chão nu. cascalho de construção, paredes de tijolos crus, pilstras de concreto, vigas de concreto, instalações elétricas, encanamentos, mangueiras penduradas; um fosso de elevador, uma escada de três andares, teto. subsolo, térreo e teto. vista para o lago, ponte, outras ruas e o terreno que desce até lá embaixo.

lembro da luz amarelada que contrastava com o cinza e o preto das sombras. onde não batia o sol, já angulado pra se pôr, as coisas tinham menos definição. a penumbra.

no subsolo tinha como se fosse um jardim de inverno de canto, justamente onde não havia ainda cobertura, era uma areazinha em que a luz entrava por entre as vigas de concreto e batia no único galho com poucas folhas. não consigo lembrar muito bem o que pensava na hora. tirei ótimas fotos.

### III.

cavalo branco que apareceu no meio do mangue no caminho de volta da praia pra cidade; as vaquinhas que apareceram pela praia aquele dia em que a noite era clara e prateada. ora muito escura ora muito clara pelas nuvens que obscureciam a lua cheia vez ou outra; o escorregar, o pisar na areia fofa da duna deixando-se escorregar por aquela altura de pelo menos 5 metros. descia por trás da igrejinha da cidade. o medo era pisar num cacto. às vezes ficava tudo só muito escuro. acho que às vezes, dessas circunstâncias, é que surge uma lenda urbana aqui e ali.

IV.

um som metálico

voz arrastada

um avanço

um eixo

*inception* da *inception*

pormenor que seja

milisegundos por gesto

um prédio visto de cima que poderia compor

uma cena de Arnold

ou só um teto visto

do catete 66

pela janela do *hall* do sexto andar

um outono pra clarear

poderia muito bem alguém passar

de patinete pela calçada lisa

neblina de outono

aquela noite

cerveja de umbu

por que, por que, sempre

um rodapé?  
e se 1 gota de café  
tomasse forma  
gambiarra de pincel  
no canto daquela sala  
passando pela ponte  
postes triangulares  
que porventura iluminaram  
inúmeras madrugadas nubladas  
— corre lá que não deve ter ninguém a essa hora pelo 2º andar  
era a missão de ir encher as 8 garrafas de água no bebedouro do curso de inglês.



V.

i. começar a reparar

os lugares em que temos  
nos encontrado nos sonhos

ii. aí me pergunto: encontro ou espiada?

são, geralmente, em cidades intrincadas,  
visões passageiras em passeios e rotas de carro

iii. tô num momento

investigativa  
se não larga do meu pé,  
da minha concepção de distância,  
por que sempre acaba voltando,

de um jeito ou de outro?  
eu quero estimular  
o inconsciente  
pra ver até onde eu consigo acessar o que é ‘isso’

iv. dia em itacoatiara  
o mar como uma lagoa  
nadamos até o fundo e  
eu que morro de medo de pensar em  
profundidade, a pelo menos  
80 m da quebra das ondas, espero,  
de olhos arregalados, anestesiados  
de água azul lisinha,  
thais, que tinha ido ver  
até onde dava pé.  
e eu contei 10,15, 20 segundos  
contei 21, ela emergiu me convencendo  
de todos os jeitos que eu tinha que descer com ela pra ver  
respirei respirei respirei e fomos.

de mãos dadas  
quando aterrissamos, abri o olhos  
deserto infinito,  
em todas as direções,  
minidunas de areia completamente submersas  
uma grande caixa de água azul límpida cristal translúcida  
a luz passava pela água  
a areia do fundo desse mar ocre claro  
horizonte eram dois  
a linha da areia do chão que rodeava todos os lados  
a linha oscilante da superfície lá em cima a pelo menos 10 segundos de subida.

## VI.

e aí, se eu precisasse me dizer algo

evocar, em 4 meses,

estas palavras,

serviriam para reafirmar coisas que talvez eu já saiba. mas, sem pretensões. vai ser mais ou menos em dezembro. dias mais longos, calçadas escorregadias. penso em texturas. quando fecho os olhos naquele lugar habitado por pessoas itinerantes, em festas que ocupam lugares inabitados, o ritmo e a frequência das luzes me levam para aquele dia que, embaixo da poeira do espaço, mais reparei na textura da chama que queimava o tabaco entre meus dedos. brasa que queima sem levantar fogo. pareciam portas, portais de pedra que constituíam uma cidade inteira. na beira da brasa. e quando fecho os olhos, então, penso na luz repetitiva daquele dia, que deixava tudo com a sensação de câmera lenta, cada passo era um *flash*, como se eu transitasse pelo espaço em intervalos pausados por milissegundos e a realidade se tornava perceptível como que oscilante entre o que habita e o que atravessa. e quando imersa, então, num breve segundo de tela preta, a trama, talvez quase sempre geométrica, se torna pulsante. de linhas, pulso, cores, pulso, luz, pulso, pontos, pulso, distâncias, pulso, volumes, pulso, brasas, pulso, velocidade. velocidade com que as coisas acontecem. velocidade com que as coisas morrem. se esvaem. condensar a experiência. *occasio*. brecha. janela do quarto que dá para uma brecha (de céu) por entre as ruelas estreitas (do bairro gótico) de Barcelona. a lua aparece e desaparece em quarenta segundos. longe perceptível; perto, a eternidade do movimento. fresta transitável do que ficou e a limitação do acesso que se esvai conforme o tempo passa. entidade criada que põe um passo em tudo. o que parece ser e não é. coisas que chegam com o tempo. ilhas distantes num arquipélago de possibilidades nem sempre navegáveis. dias em que nos orientávamos pelas estrelas. num céu não ofuscado pela

lua. manto negro pontilhado. entrecamadas de luz cintilante. distâncias nem sempre tão reparáveis. mas naquele dia, num piscar, os pontos se multiplicavam. uns mais perto, porque mais brilhantes, outros, como que em velocidade entrando no campo de visão vindo lá de trás. do invisível pro palpável. e o registro nem mais nem menos era pensar naquele poste que marcava o último foco de luz da cidade. ultrapassá-lo trazia uma imensidade para o escuro que o rodeava. adentrar aquele chão arenoso, mato seco, empoeirado, pedras, cascalhos, poeira que sobe, campo de futebol antigo; começo a avistar o novo cenário. o poste, já longe, ofusca a cidade.

VII.

perambulantes caminhos

a hora não

bate

## VIII.

pega. esmaga.

aquela esquina onde

cantamos odara. contorce

o monte vento que sopra

essas palavras ardilosas,

esses cantos bailáveis,

(“ela é uma rata!”)

e é. e é. e é!

consistência viscosa.

cai se grudando pelo ar.

se pudesse, cairia

na direção contrária

imagino um pote

grande

de caramelo bem

dourado. afundo o

dedo o espaço em

volta preenche de

doce de melado

dum nadar não sair do  
lugar. dum mexer os  
dedos e não os mover.  
de pressionar morder os  
dentes e engolir. seco,  
que estala no ouvido.  
o armado não foi comigo.  
as corredeiras que formaram,  
pelas quais passava meu sangue,  
minha seiva esta seiva que  
transforma não ——— permanece.  
os vales profundos,  
as cachoeiras de dentro  
da gruta, o asfalto da  
subida que não tem  
atrito com o pneu  
careca. som das  
andorinhas mergulhadoras  
que vêm voam desde aonde a vista alcança  
até cruzar a árvore logo em frente  
para entrar de ângulo na sua caverna.  
movimento retirada no fim da luz



os últimos segundos  
de raios, escorrego meu pé na pedra,  
sentada,  
me imagino caindo.

IX.

uma cena  
como que simplória  
o sol perto de meio-dia bate na  
calçada portuguesa de copacabana  
um cachorro branco grande deita no chão  
não, nem pra descansar mas  
pra esperar enquanto espreita  
um cachorrinho quase que do tamanho  
de sua pata  
passar.

X.

uma sala comum

espaço-tempo distorcido

desenvolta,

nos encontramos nos olhares.

como a duna que se move conforme o vento passa.

espiei o acaso

portas abertas

em ressonância.

ar parado

avista-se uma poeira

ponto que cintila na visão

(luz cinza que emana quando o sol baixa)

resquício de luz que torna os ambientes cinzas depois que o sol se põe

## XI.

um lugar nunca habitado  
porque para além dos desdobramentos da carnalidade  
esse lugar nunca tomou forma  
vive à base de coisas pré-não-vividas  
se alimenta de coisas que nunca acontecerão  
um lugar nunca habitado  
distâncias quebradas que repercutem na carne  
edificadas no não-habitar  
no não  
no que não tem espaço  
pra se estruturar  
pra se construir  
que cresce  
no limiar  
do que aconteceu  
e não se sabe (nunca) se a continuidade é permissiva  
geralmente é limitada  
é não vívida  
é obtusa

nutre-se da pouquidão  
diriam que é do pulso do descobrimento  
do ímpeto do gatilho  
gana pelo deleite da pitada  
— toque que ainda não perdeu A leveza  
— toque que ainda não está contaminado pela cisma adoidada do ausentar-se  
eu sei!  
eu sei que o encontro se deu.  
eu sei.  
lugar que habitamos  
mas é como se eu pudesse pescá-lo  
num labirinto viscoso disforme: dos lugares que me tocaram  
das repercussões que nos perpassaram  
pescá-lo:  
num torpor que me leva àquelas horas  
pescá-lo:  
como se no vendaval de coisas que me pertenceram  
eu a encontrasse  
cerceada, num contorno tão delineável que pertence a um espaço-tempo acabado  
interrompido  
lugar que não habitamos  
e, ainda assim,

existiu.

existe. ali. imersível. intocado. intocável. terminado.

um lugar não habitado

da beira ao mergulho

do imo.

do que ressoa nos entres

ao que se consome recôndito

do que foi por instantes o mais íntimo

ao que ecoa...

## XII.

i. tacos de madeira do chão do apartamento 301 na francisco muratori. os dias que dormia na sala, à noite, era ficar arrastando o sofá pra lá e pra cá, pra uma das colunas entre as janelas, me proteger de uma luz que nunca apaga na casa “abandonada” da frente. abandonada, na verdade, não era. é que nunca se via ninguém por lá. só vestígios de alguém que possa ter passado. nunca quando estávamos olhando. a sala ficava justamente virada pra rua que ecoava todo os barulhos – vinte carros por minuto? cinco ônibus? o senhorzinho do carro do gás que não basta berrar mas também tem que buzinar – a gente ouvia ele chegando lá da outra rua e só parava quando ele já tava lá no morro. pois pense, fora todos os barulhos que forçosamente já faziam parte do meu sonho arrastado, teve o dia em que acordei no susto com barulhos estrondosos. eis que apareceu gente na outra casa da frente. três, quatro homens, para reformar. eles estavam jogando tantas pedras que não sei de onde tiravam. blocos enormes de pedras jogados, lá de cima do terraço, no contêiner que fica na rua. ficava um de tocaia pra avisar se tivesse subindo algum carro ou alguma pessoa pela calçada. porque às vezes o cara lá de cima errava e a rua já estava toda cheia de pedra esfaqueada. casa antiga, rua tombada, fachada antiga, talvez do século XIX? tinha umas telhas já caídas, umas cadeiras na varanda e uma luz entre elas, pendurada pela fiação elétrica. nunca desligava.

ii. amarrando o cadarço para ir na esquina da Riachuelo tomar uma cerveja sul americana, não tem erro, jogamos buraco na mesa do bar, esse dia, que eu tenha visto, 10 carros de polícia subiram pro morro.

### XIII.

ali, naquele lugar, a duas ruas dos arcos da lapa, era o cruzamento de tantos caminhos... teve o dia em que fomos pela rua do lavradio pra depois ir por outra rua que passa pela frente do campo de santana. um calor... íamos ao centro comprar panelas, esquecemos que, por ser sábado e já estar se aproximando da época do carnaval, ao chegar lá por volta de meio dia, tudo já tinha fechado...



#### XIV.

i. aquele centro olímpico já me rendeu algumas histórias. tem um lugar por que se passa lá dentro, um pequeno bambual que gosto de visitar pra ouvir o barulho que o bambu faz quando venta. fica no caminho pra ir pra beira do lago. tem uma estradinha de terra que divide a parte construída da parte só habitada. por trilhas, passarinhos, gatos, muitos mosquitinhos –principalmente quando baixa o sol. teve o dia em que fiz uma fogueirinha alimentada pelo capim seco que tinha aos montes.

ii. teve o dia que foi pós-queimada-proposital; tinha pneus queimados, destroços e estruturas de cadeiras de metal, muitos cacos daqueles vidros temperados que explodem em milhares de cacos não-tão-cortantes.

iii. aquele outro dia em que as formigas saúvas subiam e faziam trilha em cima dos nossos tapetinhos; nós é que estávamos no meio do caminho. vira e mexe eu me assustava com uma andando em algum lugar inesperado. o medo era da picada delas. estávamos entre as árvores, eucaliptos brancos bem grandes. amo a textura dos troncos. tinha cadeiras amontoadas jogadas por perto.

iv. num dia que reparei aquela clareira propositalmente criada por alguém que “podou” as bananeiras no meio do parque lage. tinha uma pequena entrada, dando pra um corredor de plantas, que beirava a ruazinha de passeio do parque. muitas folhas derrubadas e já pisoteadas. folhas todas secas. lá em cima do morro tem-se a vista do corcovado, céu branco de nublado, folhas verdes que formavam as copas das que ainda estavam em pé.

v. dias em que saí para pedalar às 6 da manhã; o ponto de encontro era no estacionamento atrás do palácio do buriti, atrás do autódromo.

XV.

quartinho da persiana quebrada. as luzes das casas do morro de santa ficavam no meu olho à noite. ficava bem claro. passava alguns minutos acordando, olhando as casinhas, agora de dia, com definição; varais com roupas, caixas d'água, antenas de tv, telhados e mais telhados. uma pessoa ou outra numa janela ou sentada num terraço. quando vou lá em cima fico olhando pra baixo pra tentar descobrir e achar as ruas por que passo. são diferentes os lugares que consigo ver a glória, ou o passeio público, ou a lapa de cima. uma canseira que só subir todas aquelas escadas.

## XVI.

fui mulherbinócula algumas vezes espiando por aquela janela da rua que, num extremo, desemboca na praia do flamengo e, do outro, no largo do machado, com vista pro cristo e mais 500 janelas.

[memento]

[calcogravura]

a calcogravura ocupa um grande território no meu campo de pesquisa. uma gravura pode levar mais de 20 horas para ser concluída. as minhas últimas foram calculadas; tinha em torno de 5 horas pra fazer a água-forte e 8 horas pra água-tinta – porque quis realizar cada técnica uma vez só.

começa assim:

i. [pré-processos: preparação dos materiais]

produção dos vernizes duros – asfalto em pó, breu, cera de abelha;

produção dos ácidos mordentes – percloroeto de ferro (sal corrosivo) e ácido clorídrico;

trituração do breu para a caixa de breu;

ajuste da prensa de impressão;

colocação os papéis de molho (quanto mais composição de algodão, menos molho. como aqui no brasil os papéis, raramente, são 100% algodão – digo, os acessíveis –, e têm muita celulose e cola, eles precisam ficar de molho entre 12 e 15 horas);

preparação da chapa de cobre – chanfrar, polir, desoxidar, desengordurar.

ii. [processos: técnicas indiretas de gravação]

na gravura, o processo de gravação pelas técnicas indiretas é feito pelos ácidos mordentes que agem: com o cobre, cavando os sulcos – que são as linhas do desenho –; com o breu, criando a granulação – textura – da chapa de metal.

na água-forte, com a chapa preparada e desengordurada, passo o verniz duro, esquentando a matriz com um candieiro até que o verniz se fixe uniformemente. espero esfriar e começo o desenho. risco as linhas com uma ponta-seca e, depois, a matriz vai pro ácido por 15 a 17 minutos (dependendo de quão forte o ácido está); retiro a matriz do ácido, lavo com água, removo o verniz com querosene, entinto a chapa, posiciono o papel de suporte e imprimo a gravura na prensa.

na água-tinta, primeiro, faço um estudo dos cinzas usando como base a impressão da água-forte – que contém só as linhas do desenho. desengorduro a chapa de cobre e a coloco dentro da caixa de breu (onde os grãos (do breu triturado) vão se depositar na superfície da chapa); depois de um minuto e meio, retiro o metal e o coloco em cima de uma grade que vai servir de apoio para poder esquentá-la para solidificar o breu como uma camada “de cera” granulada. espero esfriar e começo a proteger a chapa com outro verniz (asa-de-barata/goma laca), para colocá-la no ácido e ir construindo os tons de cinza do desenho. quanto mais tempo no ácido, mais escuro. constrói-se a tonalidade do branco ao preto. a chapa pode ficar até 25 minutos imersa no ácido. da água-tinta surgem, então, as tonalidades e o granulado que cria as texturas dos diferentes tons a que a tinta vai aderir na hora da impressão.

iii. [técnicas de impressão]

a impressão já é um outro capítulo; quiçá com mais detalhes do que os outros processos que a precedem.

primeiro, a história dos papéis de molho. coloco papel por papel no balde; tiro papel por papel pra secar pra transportar pro ateliê; coloco papel por papel na água de novo, tiro papel na hora de imprimir, seco papel com a toalha, imprimo papel, seco tinta do papel; coloco papel na prensa para desenrugar. papel pronto. rs.

preparar a tinta para a impressão é um dos processos meticulosos. existe a viscosidade certa para cada tipo de impressão. a tinta para calcogravura é a de que mais gosto de preparar. aquele fiozinho de tinta se desfazendo. na época da seca e do frio, coloco mais óleo de linhaça. em dias mais quentes, tenho que mexer menos nela.

andei experimentando outros tipos de impressão: outras cores de tinta, outras cores de papéis, e outras técnicas de impressão.

tenho utilizado a técnica de *chine-collé*.

explorando a origem do nome da técnica, *chine* é a palavra em francês para designar china. *collé* é "preso", colado. o papel utilizado, tradicionalmente, na técnica, era um papel muito fino, importado da china. a técnica consiste no uso de um papel mais fino, um papel de seda, que é recortado e posicionado em cima da chapa de metal – já entintada e pronta pra impressão –, e que vai aderir ao papel de suporte ao passar pela prensa.



iv. [impressão]

o papel vai conter a tinta: dos sulcos – linhas – e do grão – tons.

[desenho que é cavado] [pós-lista]

registro simbólico

coisas que me cercam<sup>5</sup>

memórias que me firmam<sup>6</sup>

exteriorização

camadas

vestígio

rastro

marca

camadas mnemônicas<sup>6</sup>

memento

inscrição<sup>7</sup>

cena

espaço-tempo

trama da realidade

lugares que percorro

paisagem

território de trânsito<sup>8</sup>

passado tátil

o háptico

densidade das coisas

[notas]

há um tempo me deparo com a questão de como sair do formato de apresentação formal da gravura. aquele que valoriza especificamente o resultado final numa impressão num papel bom emoldurado na parede. que também é lindo e me serve em certas situações. mas, por ora, tenho mantido essa questão em aberto; até que visualizei, por conta de uma eventualidade que me ocorreu no ateliê, uma possibilidade de desdobrar a forma como vou apresentar a série de calcogravuras. principalmente pensando no espaço, visualizo a forma como eu gostaria que a obra tomasse forma na tridimensionalidade – tendo em vista que a calcogravura existe na bidimensionalidade. o que primeiro me vem à mente é o que me suscita cada uma das imagens – e me vem memória, lembrança, registro.

pensando na questão do espaço, digo que é o espaço aonde tudo começa. tomo espaço por: aquilo que me cerca, aquilo que registro, aquilo que se torna paisagem por ser meu território de trânsito, meu andar sobre a superfície. espaço-território-lugar-paisagem que ocupo, transito e me marca.

refletindo sobre essas palavras, me levo a pensar em como tentar trazer o meu ponto de vista. talvez, seria como ambientar o espaço de símbolos que me remetem a coisas específicas no meu processo criativo. tenho como um dos desdobramentos dessa série, impressões com *chine-collé* em que uso a cor vermelha. assim como usei em todos os desenhos que originaram as gravuras. no momento em que comecei a fazê-los, estive intimamente ligada à cor vermelha. estou há algum tempo.

em partes, isso teria a ver com o ser mulher no mundo. existem os períodos cíclicos em que sangro, existem os momentos políticos – que no fundo nunca deixamos de viver – que refletem e são reflexos do sangue que corre nas ruas; por política de Estado, por herança colonialista racista que persegue parcelas específicas da nossa sociedade; por política armamentista militar que inventa guerras e promove prisões mortes perseguições apagamentos etnocídios epistemicídios. o sangue, então, vermelho.

seria esse o sentido, e a presença que se faz/fez/fará. daí penso em um ambiente imersivamente vermelho: paredes, chão. luz apropriada; no caso, reduzida; um abajur de pé, talvez; umas luzinhas amarelas fracas posicionadas.

volto ao momento em que me surgiu essa ideia: um dia, fazendo as impressões das gravuras do livro, por obra do acaso resolvi fazer uma etapa do processo de forma diferente: em vez de começar a limpar a chapa entintada, retirando o excesso de tinta com a ‘boneca’ de feltro – que, irritantemente, sempre deixava um pelinho ou outro na chapa – comecei a retirar o excesso de tinta com uma folha de jornal, especificamente folha de lista telefônica. nisso, peguei uma folha da lista, coloquei sobre a chapa entintada e a larguei em cima da mesa – que é de vidro. quando fui limpar e retirar o pedaço de folha, que a essa hora já estava meio grudado no vidro, surgiu a impressão da impressão, a transferência do desenho da chapa de metal pro vidro. o jornal conseguiu reter a tinta de forma granulada, claro, pelo grão (de breu) da própria matriz; mas de forma completamente diferente de como sairia a impressão ao passar a matriz pela prensa. este resultado: o vidro impresso com a granulação da chapa. grande parte dos detalhes se perdeu, as linhas se perderam, os tons se perderam, mas nesse momento, não tive apego a isso. visualizei, então, essas impressões, seis impressões em seis vidros, suspensos, por cabos de aço, à altura da visão. o fundo é vermelho, o vidro carrega a transparência, translucidez e o vestígio da impressão/imagem.

[notas, por fim<sup>9</sup>] [em diálogo]

<sup>5</sup> “A imagem não está voltada para manifestações territoriais singulares, mas para o acontecimento que solicita a sua presença. E assim como o lugar (*topos*) é, segundo a definição aristotélica, o invólucro dos corpos que limita, a pretensa “paisagem” (lugarzinho: *topion*) nada é sem os corpos em ação que a ocupam. A narrativa é a primeira e sua localização é um efeito de leitura.” Anne Cauquelin. *A invenção da paisagem*, São Paulo: Martins, 2007. p. 49.

<sup>6</sup> “Um dia, me lembrarei da cena, me perderei nela no passado. (...) lembranças posteriores: é a *anamnésia*, que só reconstitui detalhes insignificantes, não dramáticos, como se eu me lembrasse apenas do próprio tempo e nada mais; é um perfume sem suporte, um grão de memória, uma simples fragrância; alguma coisa como um gasto puro, como só o haïku japonês o soube dizer, que não é recuperado em nenhum destino.” Roland Barthes. *Fragmentos de um discurso amoroso*; Rio de Janeiro: F. Alves, 1985. p. 140.

<sup>7</sup> “Emolduramos, fazemos da cidade paisagem pela janela que interpomos entre sua forma e nós. Numerosas *vedute*, uma esquina de rua, uma janela, um balcão avançado, a perspectiva de uma avenida. O prospecto aqui é permanente. A cidade participa da própria forma perspectivista que produziu a paisagem. Ela é, por sua origem, natureza em forma de paisagem. Vendo-a assim, rendemos homenagem a sua constituição, recompomos os elementos de sua própria gênese e transformamos cada sensação, visual, auditiva, tátil ou olfativa, em tantos outros elementos de uma paisagem idealizada.” Anne Cauquelin *A invenção da paisagem*, São Paulo: Martins, 2007, p. 149.

<sup>8</sup> “Por definição, a paisagem é um espaço percebido, ligado a um ponto de vista: é uma extensão de uma região (...) que se oferece ao olhar de um observador.” Michel Collot. *Poética e filosofia da paisagem*; Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013, p. 17.

<sup>9</sup>uma brincadeirinha com o título “E o inacabado desta experiência, por fim”, que compõe o trabalho *Caligrafar-me: apontamentos para uma conversa em torno de um gesto e de um texto inacabados*, de Denise Conceição Ferraz de Camargo, nos Anais do XXVII Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas/ Organização: Luísa Angélica Paraguai Donati, Milton Terumitsu Sogabe, Paula Cristina Somenzari Almozara, Regilene Aparecida Sarzi Ribeiro. – São Paulo: UNESP, Instituto de Artes, 2019, 3910 p., disponível no link <<http://anpap.org.br/anais/2018/>> acessado em 20/06/2019.

[anexos]

[lista das ruas] (tem nome pra isso já?)

anexo 1– acho muito sintomático e patológico que a maioria dos nomes das ruas em cidades brasileiras são de homenageados homens; em grande parte, colonizadores, militares, que tiveram suas figuras míticas construídas a favor da consolidação de uma história nacional romantizada em torno dessas figuras de homens brancos colonialistas privilegiados de berço – em que, não é de hoje, se naturalizam e reproduzem as construções de uma sociedade carregada de história e política patriarcal, escravagista, excludente, armamentista, militarizada, corrupta, coronelista, oligárquica etc.

estudando sobre a guerra do paraguai, descobri que o Rio todo tem ruas e estátuas e praças e bairros e avenidas, todas com nomes de algumas regiões e rios da argentina e paraguai, quando não, com nomes dos generais, comandantes, que estavam representando a vontade sádica suprema - pelos meios que tudo se deu - de d. pedro II – de que tomar Assunção não seria o suficiente para acabar com a guerra. e que ela só tomaria fim com a captura de solano lópez. o cenário do maior conflito armado da américa do sul foi arquitetado por alguns culpados. dois monarcas megalomaniacos, ditadores, solano lópez do paraguai e d. pedro II do brasil.

uniram-se, à armada do brasil, argentina e uruguai, todos com pleno interesse (juntamente com a inglaterra) em circular e controlar os afluentes do rio da prata, o acesso do atlântico ao interior do continente. 75% da população do paraguai morreu. no brasil houve chamados e chamados gerais, campanhas motivacionais de alistamento ao exército. todos em nome do interesse do imperador.

lutavam pelo brasil: escravizados, coronéis, descendentes dos colonizadores.

lutavam pelo paraguai naquela altura do campeonato, todos: crianças, mulheres, homens.

avenida mem de sá  
avenida beira-mar  
avenida vieira souto  
avenida lúcio costa  
rua celso bastos de barros  
rua pereira nunes  
rua miguel de frias  
rua moreira César  
rua hermenegildo de barros  
rua cândido mendes  
rua da glória  
rua do catete  
rua da lapa  
rua riachuelo  
rua gomes freire  
rua francisco muratori  
rua santo amaro  
rua benjamin constant  
rua taylor  
rua teotônio regadas  
rua joaquim silva  
rua silvio romero  
rua senhor dos passos  
rua do carmo  
rua do rosário  
travessa tocantins



QI 28 conj. 5

109 norte

305 norte

península do largo norte

[lista de nomes] (índice onomástico)\*

Barthes, Roland  
Cahun, Claude  
Cauquelin, Anne  
César, Ana Cristina  
Chiyo-ni  
Collot, Michel  
Federici, Silvia  
Freitas, Angélica  
Lins, Osman  
Lispector, Clarice  
Martins, Luciana  
Merleau-ponty, Maurice  
Rosa, João Guimarães

---

\*alusão à Ana Cristina César, que traz um índice onomástico no final de seu livro *A teus pés*, de 1982.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Trad. Hortênsia dos Santos. – 5ª Ed. – Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, 198 p.

CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins Fontes, 2008, 196 p.

COLLOT, Michel. *Poética e filosofia da paisagem*, Trad. Ida Alves. – 1ª Ed. – Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013m 204 p.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o Invisível*. Trad. José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva S.A., 1971, 274 p.

LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. – 14ª Ed. – Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990, 224 p.

série de calcogravuras



6/7

1

2019





6/7

11

2019





6/7

III

2019





6/7

IV

2019





6/7

v

2019





6/7

V1

2019

[posfácio]

trabalho concebido durante pesquisa e experiência de fluxo de consciência na produção escrita e visual.

apresentado para o trabalho de conclusão do curso de Bacharelado em Artes Visuais, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Doutora Denise Conceição Ferraz de Camargo.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE ARTES – IdA

DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS – VIS

### ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO ARTES VISUAIS – BACHARELADO

Aos onze dias do mês de julho de dois mil e dezenove, às 16h30 horas, realizou-se, no Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes na Universidade de Brasília, a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso do(a) aluno(a) **RAFAELLA LASSANCE LIMA COSTA**, intitulado "CENAS DE FEVEREIRO: SUPERFÍCIES. A Banca Examinadora foi composta por: Profa. Dra. Denise Conceição Ferraz de Camargo (orientadora), Prof. Ms. Elder Rocha Lima Filho e a Profa. Dra. Elizabeth de Andrade Lima Hazin. Após arguir a candidata, a Banca deliberou pela aprovação; com a menção SS. Proclamado o resultado, os trabalhos foram encerrados e, para constar, eu, Denise Conceição Ferraz de Camargo, presidente da sessão, após dar ciência à coordenadora do curso, professora Dra. Andréa Campos Sá, lavrei a presente Ata, que assino em conjunto com as professoras titulares da Banca.

Profa. Dra. Denise Conceição Ferraz de Camargo (orientadora)

Prof. Ms. Elder Rocha Lima Filho

Elizabeth Hazin